



Amor, carnaval e calor humano conquistaram o coração
(e o closet) da designer Alexia Hentsch

POR ANA RIBEIRO
FOTOS MARCIO SIMNCH

A FABULOSA VIDA DE ALEXIA



Saia do acervo de Alexia, top Argajili e colar Cris Barros. Na pág. ao lado, vestido Missoni, botas Fabrizio Viti e brinco Struktura



“Parece clichê
dizer isso,
mas o Brasil
tem um calor
humano que
faz toda a
diferença”

Alexia Hentsch recebeu a missão de criar um *look* de alcaçofra. Concentrou todo seu esforço criativo em busca de solução que agradasse aos seus próprios parâmetros e aos da cliente que encomendou o figurino para uma festa na fazenda do avô na Europa. O resultado ficou lindo: um chapelão que mistura o verde das folhas e o roxo das flores da alcaçofra, e ainda vai deixar a moça bem elegante. Esse é um típico dia de trabalho no ateliê da designer, que criou uma grife carnavalesca — começou com adornos de cabeça e *bodices* para os dias de folia e, como se vê, fez uma clientela que extrapolou as fronteiras do Brasil e não se limita a fevereiro. “Faço adereços para festas, recebo encomendas para casamentos, tenho parcerias com grifes comerciais. E continuo criando minhas cabeças também”, conta ela, que já trabalhou para a Farm e para a C&A e, no momento da nossa conversa, estava quase fechando um contrato que ainda não podia divulgar. Filha de pai suíço e mãe carioca, Alexia nasceu em São Paulo e viveu praticamente a vida toda entre Suíça (Genève) e Inglaterra (Londres). Vinha sempre ao Brasil e cultivou forte ligação com o país de sua mãe. Em 2016, nas Olimpíadas do Rio, lhe foi dada a incumbência de criar os figurinos de abertura e encerramento do evento, e o resto é história. Foi passando cada vez mais tempo aqui, então veio a pandemia, o casamento com o italiano Arturo Isola, o nascimento do filho Elio, o apartamento novo em Higienópolis — o anterior era no mesmo bairro, mas a família cresceu e precisou de mais espaço. Assim eles trocaram um projeto de Vilanova Artigas por outro de Rino Levi, num dos prédios mais bonitos e charmosos da cidade, construído nos anos 1940 com jardins e ornamentos de Burle Marx. Mesmo sem conhecê-la, quem fosse à sua casa teria fortes indicações de quem mora ali. Uma pessoa bem-humorada, que gosta de cores, de festa, de misturar estilos, de brincar com a decoração. Alguns ade-



Acima, vestido Sónis Rykiel e brincos Alix. Na pág. ao lado, blazer Balmain, camisa Gap, calça Handred, colar *vintage* e cinto usado como colar, da *collab* Alexia Hentsch para C&A

reços do último aniversário de Elio, com tema zoológico — todos confeccionados por Alexia, *bien sûr*, ainda estão aqui e ali. Alexia está grávida de novo e já já vem aí mais um bebê brasileiro para aprofundar ainda mais suas raízes aqui. “Parece clichê dizer isso, mas o Brasil tem um calor humano que faz toda a diferença. Com todos os problemas, tanta desigualdade social, as relações humanas compensam tudo. Qualquer tipo de interação, até as mais rápidas, com o manobrista do carro, tem afeto envolvido. A alegria das pessoas é a maior riqueza do Brasil.” Alexia não deixa a dureza de São Paulo impedir sua movimentação pela cidade. Anda muito a pé, busca o filho na escola, transita pelo centro, vai e volta de seu ateliê, visita seus fornecedores na 25 de Março, no Brás, no Bom Retiro. Por uma combinação de seus roteiros a pé, mais o material com que trabalha no ateliê, como solvente, cola e tinta, durante o dia Alexia está sempre básica, geralmente de tênis e camiseta, e com o cabelo preso. Para sair à noite gosta de se produzir. “Sou bem europeia, visto blazer, sapato. Meu guarda-roupa não é muito colorido e nem florido. Mas sou vaidosa, gosto de me arrumar. Só faço a mão quando não tenho encomenda no ateliê e tenho três jantares naquela semana. Senão não vale a pena.”

Não que esteja reclamando. A parte manual do trabalho é o que mais gosta de fazer. “Gosto de inventar, de produzir, de olhar materiais, de colocar a mão na massa”, explica, com seu português acariocado e sem um pingão de sotaque estrangeiro. E é por essas e outras que essa moça linda, alta, magra e com pinta de modelo vive descabelada e suada pelas ruas mais movimentadas da cidade.

“Gosto de inventar, de produzir, de olhar materiais, de colocar a mão na massa”

BELEZA Erika Livran, com produtos Eudora
NAIL ARTIST Daniela Romanenko





Look vintage
do seu acervo
pessoal: broche
Chanel, calça
Handred e tênis
Nike. Na pág. ao
lado, calça LF
Markey; blazer Dior
vintage e top Gap